

Editorial: O Ritual, Unidade e Pluralidade de Formas

Editorial: The Ritual, Unity and Plurality of Forms

*Mariana C. Bardelli*¹

*Eduardo R. Cruz*²

Introdução

O presente dossiê emergiu de uma mesa redonda no Programa de Ciência da Religião da PUC/SP em 12 de novembro de 2024, proposta pela Pós-Doutoranda Mariana Bardelli, que convidou pesquisadores a refletirem sobre as novas abordagens do ritual em reação ao seu artigo “Ritual e suas funções no Zen-budismo: casos de convergência entre a prática ritualística Zen e o Ocidente” (Bardelli, neste número), que se inspirou por sua vez nos estudos de Robert Sharf (2005) e Richard Payne (2018; 2024) sobre a teorização do ritual no caso do budismo. Esse evento evoluiu para um dossiê, proposto para publicação na revista *Religare* e gentilmente acolhido pelas editoras, e que incluiu mais duas contribuições, como descrito na parte 3 abaixo.

1. Considerações Preliminares sobre o Ritual

O ritual tem na ciência da religião uma longa história, em parte pelos modelos de religião disponíveis para os pensadores na modernidade (judaísmo, cristianismo e islamismo), como também por sua imediata visibilidade em outras culturas visitadas pelos europeus. Quase todos os pioneiros da ciência da religião debruçaram-se sobre os rituais em diferentes culturas, usualmente confrontando-os com crenças. Por exemplo, o francês Émile-Louis Burnouf (1821-1907) sugeria

¹ Doutora em filosofia, Universidade de Estrasburgo, França. Pós-doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). E-mail mbardelli@gmail.com

² Doutor em Teologia Sistemática, Lutheran School of Theology at Chicago. Professor titular do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). E-mail: erodcruz@puccsp.br

a precedência da crença em relação ao ritual: “[...] pensei que tinham descoberto no meio deles e além das aparências um ser escondido, um poder invisível, uma inteligência misteriosa; não é esta a origem de uma religião? Não é um de seus elementos? O outro, que é o rito, vem depois” (Burnouf, 2021, p. 195-196).

Daquele que primeiro usou de forma mais consistente a expressão “fenomenologia da religião”, Pierre Daniel Chantepie De la Saussaye (1848-1920), temos uma opinião um pouco mais ponderada e ligada a dados empíricos: “Entre os elementos da vida religiosa, aqueles ligados ao ritual são os mais permanentes. [...] o ritual deve em primeiro lugar ser entendido como um ato religioso e neste sentido ele pertence essencialmente à ciência da religião” (De la Saussaye, 2022, p. 200).

Seu conterrâneo e contemporâneo Cornelis Petrus Tiele (1830-1902) em “Concepção, objetivo e método da Ciência da Religião”, inverte novamente a equação:

Mas se eu preciso escolher, não hesito em me juntar à primeira dessas facções [doutrina primeiro, ritual depois]. Pois na doutrina, seja qual for a sua forma, mitológica e poética ou dogmática e filosófica, reconheço a fonte de cada religião. [...] O culto, o ritual e as cerimônias não me ensinam nada quando os contemplo, a menos que eu tenha alguma explicação sobre seu significado (Tiele, 2018, p. 226).

Como o trabalho comparativo tinha sido central para o projeto de estudos rituais, desde o início privilegiou-se a descrição deles, com generalizações de escasso valor teórico. Estudiosos da religião hoje têm frequentemente apontado o pano de fundo romântico e protestante (como dos três pioneiros aqui citados) como determinantes da forma dos ocidentais enxergarem o ritual até meados do século passado. O ideal romântico buscou priorizar as crenças e o sentimento interior em detrimento da forma externa. A crítica protestante enxergou o ritual como problemático por sua forte associação com a magia e superstição, o que levou a certa desvalorização do ritual em seu entendimento como estático, arcaico e contrário ao progresso (Brosius; Hüsken, 2010, p. 2–3). Mas teorias mais

recentes do ritual superaram essa visão estereotipada que opunha ritual e razão que, porém, ainda pode ser observada na concepção popular ocidental³.

As teorias agora aceitas ressaltam os objetivos sociais do ritual entendido como sistema de símbolos que forma e propaga valores comuns. Desse ponto de vista, o ritual altera nossa relação cognitiva e afetiva com o mundo, exprimindo e canalizando emoções coletivas. Isso permite penetrar o universo do ritual para revelar suas múltiplas funções dentro e fora do contexto de diferentes religiões.

Já no início do sec. XX, um grupo conhecido como ritualistas de Cambridge, estudiosos dos clássicos greco-romanos, tinha um interesse compartilhado em rituais, especificamente na tentativa de explicar o mito e as primeiras formas de drama clássico como originários do ritual. A relação entre mito e ritual percorre todo o século XX e início deste século, retratando uma questão de prioridade. Por exemplo, para Victor Turner (1920-1983) há precedência do ritual sobre o mito, enquanto para Levi-Strauss (1908-2009) e sua escola a ênfase é colocada no mito. De qualquer forma, o estruturalismo desse último reflete-se na adoção de modelos de análise textual para estudos rituais, mais formalizados e baseados na linguística. Isso pode ser visto em Payne (2022), para quem as bases metodológicas da sintaxe ritual – formalismo e abstração, a diferença entre produção e análise – permite a distinção entre níveis de análise sintática que se assemelham às análises linguísticas de frases e estruturas frasais.

Por sua vez, Freud inovou o estudo dos rituais ao associá-los a mecanismos psicológicos de alívio da ansiedade, exemplificados pelo comportamento de indivíduos que sofrem de transtornos obsessivo-compulsivos, ao mesmo tempo explicando a religião como uma forma de neurose obsessiva universal. O ritual, aqui, deixa de ser associado ao domínio da religião. Tal leitura do ritual teve influência no antropólogo Bronislaw Malinowski (1884-1942), entre outros (Jong, Halberstadt, 2016, p. 35-36).

³ Em um estudo realizado em dois centros Zen em Toronto, Patricia Campbell identifica uma valorização negativa popular do ritual como algo considerado repetitivo e fossilizado (Campbell, 2011).

Na mesma época, Durkheim (1858-1917) enfatizava a virtude dinamogênica do ritual religioso, vendo nele uma fonte de "efervescência" coletiva, mas ele entende isso mormente como um produto do ritual ou sua antecipação, e não como a causa. O ritual também teria uma função importante na administração adequada dos domínios do sagrado e do profano.

Na antropologia, Arnold Van Gennep (1873-1957), no início do sec. XX (2014 [1909]), e mais tarde Victor Turner (2013 [1969]) debruçaram-se obre os ritos de passagem. Como detalharemos na parte 2, para Catherine Bell (1953-2008), uma teórica do ritual muito influente, nenhuma ação é por si só ritual; para ela, essa é uma categoria criada no pensamento moderno no contexto das agendas ocidentais, inclusive no processo de expansão colonialista (Bell, 1991).

Por outro lado, rituais também podem ser pensados em contextos extra-religiosos, principalmente no ocidente, servindo para solenizar casamentos, nomear navios, conferir diplomas, eleger alguém presidente. Como exemplo, podemos citar o trabalho de Claude Rivière sobre rituais profanos na política e em outras esferas da vida (1989; 1996). O antropólogo Jack Goody, por sua vez, questionou famosamente a inflação do uso de "ritual" como conceito ou categoria em diferentes campos de estudo, considerando-a como muito vaga e com proposições a respeito impossíveis de serem falsificadas (Goody, 2010 [1975], p. 226).

Mas afinal, do que se trata quando falamos de ritual? Segundo Silas Guerriero (2020), "Um ritual pode ser entendido como uma chave heurística, através da qual podem ser acessados aspectos de uma sociedade que dificilmente se manifestam em falas ou discursos" (p. 65). Ele é uma forma de comunicação, quando o ser humano se comunica consigo próprio, com seus pares, e com entidades supra-empíricas. Dito de outra forma, é uma ação compartilhada com um foco comum por participantes copresentes, resultando em um senso de identidade e sentimentos que podem ser mantidos por símbolos apropriados.

Em tempos recentes, estudos nas ciências cognitivistas e evolutivas da religião têm despertado novo interesse sobre o ritual. Robert Bellah (2011), por exemplo, sugere que o ritual precede (e leva à) crença, e contribui para a formação da linguagem e para a emergência do ser humano moderno. Um recente número temático da prestigiosa revista *Philosophical Transactions of the Royal Society B* (v. 375, n. 1805, 2020) foi intitulado “Renascimento do Ritual: novas percepções sobre *o mais humano* dos comportamentos” (itálico nosso). Entre as contribuições está a dos cientistas cognitivos da religião Pascal Boyer e Pierre Liénard, que veem aquilo que diz respeito à religião como subproduto de traços adaptativos: “O ritual não é um objeto científico propriamente dito, pois o termo é usado para denotar formas díspares de comportamento, com base em uma tênue semelhança familiar” (Boyer, Liénard, 2020, p. 1). Mas há também um grande número de investigadores que trabalham com rituais de sinalização custosa, vistos como adaptativos, isto é, pré-condição para a evolução humana (p. ex.: Sosis, 2004; Whitehouse, 2021).

Os rituais, antes tidos como domínio exclusivo das religiões, hoje são estudados como parte integrante do comportamento humano em geral, o que enriquece nossa compreensão deles. Como conclui o estudioso do judaísmo Ithamar Gruenwald, os investigadores antes discutiam os rituais em termos de um contexto teológico e se concentravam em significado, razão e propósito. No entanto, diz ele, é necessário um contexto mais amplo para a visão do ritual, que leva em consideração os fatores comportamentais inerentes à sua realização. Ele sugere que um elemento ritual pode ser visto em toda ação humana estruturada e realizada como um evento cronometrado e repetitivo e que, por sua vez, tais eventos provavelmente fomentam padrões ritualísticos de comportamento. Nesse sentido, não há diferença estrutural entre um tipo de ritual e outro (Gruenwald, 2020, p. 109).

Desacoplar a noção de ritual da de símbolo e religião, estudá-lo em seus próprios termos e levar em conta a dimensão pragmática da ação ritual acaba,

paradoxalmente contribuindo para aprimorar o próprio estudo da religião (Kreinath, 2005).

2. Duas interpretações recentes do ritual

O estudo de Catherine Bell (Bell, 1991) ainda tem sido referência para pesquisadores que têm buscado propor novas abordagens do ritual no estudo das religiões. Em seu trabalho, ela faz uma distinção entre ritualização e ritual, que torna menos marcada a fronteira entre ritual e vida cotidiana. Partindo do entendimento de que o ritual não pode ser apontado como uma categoria clara e distinta, ela pensa um conjunto de características que estariam mais ou menos presentes em certas atividades entendidas como ritualizadas. Assim, sua abordagem foca na prática em si, sem preocupar-se em determinar se um fenômeno deve ser definido como ritual enquanto uma categoria pré-definida. Em suas palavras, sua proposta foca “na ‘ritualização’ (*ritualization*), como maneira estratégica de agir, e então passa a explorar como e por que essa maneira de agir se distingue de outras práticas” (Bell, 1991, p. 28).

Bell observa que as teorias do ritual conhecidas até então são marcadas por dicotomias que acabam limitando a compreensão dessas práticas, devendo portando, ela defende, serem superadas. Nesse sentido, observa dois padrões na discussão teórica sobre o ritual que giram em torno da dicotomia entre pensamento e ação. Ela aponta como exemplo os estudos de especialistas como Edward Shils e Lévi-Strauss que partem da diferenciação do ritual, enquanto ação, de pensamento, caracterizando-o como atividade rotinizada, habitual, mimética. Já em outros estudos como os de Durkheim e Stanley Tambiah, o ritual seria um mecanismo que permitiria reintegrar esses dois polos. Portanto, segundo Bell, esse exercício dicotômico serve ora para separar, ora para reintegrar o que é da ordem do pensamento, da reza, da meditação de um lado, e da ação, do corpo, do ritual, de outro.

O trabalho de Bell tem inspirado outros estudiosos da religião a proporem novas abordagens para a teoria do ritual, como é o caso dos estudos aqui destacados de Robert Sharf (2005) e Richard Payne (2018; 2024) sobre o budismo. Entendemos que essas pesquisas reavivam e atualizam a discussão sobre o ritual, servindo de fontes inspiradoras para o presente dossiê.

No seu artigo mais recente, Payne (2024) propõe uma distinção em três categorias que seriam, segundo ele, mais apropriadas para pensar a ritualidade: a) ritual como atividade, ou como “ritualização” (*ritualizing*); b) formas instituídas de rituais particulares que ganham um nível de abstração através da repetição; c) e ritual como categoria geral, um segundo grau de abstração. Nesse sentido, o ritual é o produto estático da atividade de ritualização, a abstração da prática viva, que passa por dois níveis de abstração. Payne defende que a distinção entre práticas mentais e práticas corporais não pode ser explicada através de uma dualidade. Ao nos orientarmos pela atividade viva, ele afirma, constatamos que “alguns rituais são meditativos e algumas meditações são ritualizadas”.

Para ilustrar essa ideia, ele usa como um dos exemplos, zazen, a meditação da escola Zen-Soto. Assim como outros autores (Leighton, 2008; Braak, 2010), ele lembra que essa é uma atividade altamente ritualizada. As instruções para a postura de zazen, estabelecidas a partir do mestre Zen Dogen, são muito precisas. Isso contesta, segundo ele, o retrato da meditação em termos somente mentais.

As instruções precisas para a postura determinam tanto o estado físico como mental do praticante. A ideia é que este pode, se seguir à risca essas instruções, imitar o estado físico e mental do sábio que atingiu o “estado de buda” ou a “iluminação”. Zazen é assim compreendido como a meditação através da qual o praticante encena, de instante a instante, essa iluminação.

Essa noção de imitação também influenciou a interpretação de Sharf (2005) que, ao se basear nas teorias performativas de Gregory Bateson e Erving Goffman, aproxima o ritual de um jogo (*play*). Segundo ele, o ritual faz uso da

imaginação para fomentar transformações nos praticantes, de modo que estes procedem *como se* as coisas fossem de tal maneira. Ao representar-se esse padrão, ele se torna verdadeiro para aquele que pratica por meio da atividade repetida. O pensamento afeta a ação de alguma forma, e a ação ajuda a moldar o praticante. Ele escreve: “No ritual, assim como no jogo, não é o ‘simbolismo’ do objeto que é alterado, mas sim a apreensão do ou a orientação ao objeto em si” (Sharf, 2005, p. 256). Nesse sentido, ele acrescenta ao exemplo dado acima: o praticante senta em zazen como se ele/ela fosse um buda iluminado.

Sharf analisa em detalhes a cerimônia de Subida ao Salão (*Ascending the Hall*), praticada em mosteiros Chan, visando a contestar a noção de que a iluminação é um evento subjetivo alcançado através da meditação. Ele também busca assim desconstruir a oposição entre meditação e ritual sem aderir a uma redução behaviorista para a qual a iluminação é reduzida a discurso e postura ritual. Nessa cerimônia, segundo ele, o abade é visto como um Buda iluminado, encarregado de assumir o papel de Buda encarnado nas cerimônias públicas e privadas. Encena-se a iluminação do Buda, sendo o abade o representante desse rito através do qual aquela pode ser performada. O abade se transforma num buda vivo através da manipulação de regras metalinguísticas. A iluminação do abade não é, portanto, desse ponto de vista, um evento subjetivo, uma qualidade que ele atinge através da mente, mas “foi constituída por meio de complexos procedimentos rituais comunitários”. Sharf afirma: “os participantes de tais ritos se aproximavam do abade como se estivessem face-a-face com um buda vivo” (Sharf, 2005, p. 261). Segundo ele, a transmissão de mestre a discípulo se realiza através desse jogo (Sharf, 2005, p. 267).

3. Os ensaios que compõem o presente Dossiê

Esses trabalhos de Payne e Sharf serviram em graus variados de inspiração para o presente dossiê, que abriu para a reflexão sobre as teorias contemporâneas do ritual no contexto de outras religiões além do budismo. Essas contribuições

que se encontram a seguir apresentam novas possíveis abordagens a partir dos avanços da teoria do ritual, das críticas que buscaram contornar visões reducionistas, das descobertas da antropologia, das contribuições mais recentes das ciências cognitivistas para o estudo de religiões e da necessidade de repensar a religião em um contexto globalizado transformado pela internet. Isso nos permite continuar colocando em questão visões anteriores estereotipadas e, ao mesmo tempo, resgatar ideias que foram descartadas de forma muito prematura. Fazemos um rápido apanhado dessas contribuições.

O artigo “Ritual e suas funções no Zen-budismo: casos de convergência entre a prática ritualística Zen e o Ocidente” situa-se bem na linha das contribuições de Payne e Sharf, explorando as funções do ritual no Zen-budismo, destacando a convergência entre práticas ritualísticas tradicionais e sua adaptação no Ocidente. Aborda-se inicialmente a visão histórica que predominou até os anos 2000, que desvaloriza o ritual no Zen, associando-o a uma interpretação modernista que privilegia a meditação e a racionalidade. Contudo, a autora mostra que estudos recentes revelam que o ritual sempre teve papel central na tradição Zen, tanto no contexto monástico quanto nas cerimônias para leigos.

O texto problematiza categorias como “budismo moderno” e “budismo global”, que opõem práticas tradicionais a reformas secularizadas. A análise mostra que, apesar da retórica antiritual difundida por figuras como D.T. Suzuki, grupos Zen no Ocidente (EUA, Argentina, França e Brasil) frequentemente adaptam e mantêm rituais tradicionais, como zazen (meditação ritualizada), cerimônias de canto e refeições comunitárias. O artigo defende que, embora o “budismo moderno” tenha enfatizado a rejeição ao ritual, há continuidades significativas entre as práticas orientais e ocidentais, revelando o Zen como uma tradição profundamente ritualizada. Esses insights contribuem para a teoria do ritual, desconstruindo visões simplistas e destacando a complexidade da relação entre “moderno” e “tradicional”.

O artigo “Por uma nova/velha abordagem para o estudo dos rituais: a contribuição de Frazer” propõe resgatar as contribuições do antropólogo James G. Frazer para o estudo dos rituais dentro da perspectiva da ciência da religião sistemática. Os autores entendem que, apesar de não ter se preocupado diretamente com os rituais, as teses de Frazer merecem a atenção de estudiosos contemporâneos do ritual. Eles defendem a perspectiva intelectualista e o método comparativo para o estudo das religiões, apesar das críticas que receberam no passado, ressaltando a contribuição de Frazer para essas vertentes. O texto lembra algumas teses do antropólogo que coloca em relação magia, religião e mito e aproxima sua noção de magia simpática da noção de ritual. Segundo os autores, apesar de ser criticado por sua visão evolucionista, Frazer traz contribuições relevantes para as pesquisas atuais através de uma abordagem comparativa que permite pensar nos rituais como algo intrínseco à natureza humana.

Os autores argumentam que suas ideias podem contribuir de forma atual para o estudo dos rituais se articuladas com as ciências cognitivistas da religião, que estudam os mecanismos mentais por trás dessas práticas. Essa abordagem interdisciplinar explica os rituais como produtos de mecanismos cognitivos universais, baseados em intencionalidade e agência. Os autores fazem assim uma crítica das visões relativistas lembrando a universalidade da prática ritualística. O ensaio contribui dessa forma para a teoria do ritual contemporânea, mostrando que novas abordagens e teorias anteriores prematuramente rejeitadas podem se aliar para um novo pensamento sobre o ritual.

O ensaio “Miss e Mister Indígena de Dourados: ritual híbrido de disputas simbólicas” analisa o concurso Miss e Mister Indígena de Dourados como um ritual híbrido que articula disputas simbólicas identitárias. Realizado na Reserva Indígena de Dourados (RID), o evento reúne jovens das etnias Nandeva, Kaiowá e Terena, transformando-se em uma plataforma de enunciação para esses jovens indígenas, que, como mostra a autora, vai além da mera competição de beleza.

O artigo destaca a disputa estético-política articulada no concurso, que, apesar de suas contradições, se torna um espaço de reinvenção e resistência para as juventudes indígenas, onde tradições indígenas e elementos coloniais são ressignificados. A autora analisa a ambiguidade de símbolos como o cocar que, de um lado, são valorizados como marcadores de autenticidade, de outro, evidenciam a pressão sobre os jovens a se adequarem às expectativas normativas sobre o que é ser “autenticamente indígena”. A relação do concurso com a questão de gênero também é discutida a partir de um caso emblemático de uma candidata trans em 2019. A autora chama assim a atenção para uma reprodução interna dos modelos hegemônicos de identidade. Ainda assim, ela mostra que os jovens encontram brechas para enunciarem e “inventarem suas tradições”.

O texto apresenta uma leitura desse ritual expondo fissuras que revelam a tensão entre tradição e reinvenção, onde a juventude indígena disputa prestígio, estética e pertencimento. O evento é mostrado por diferentes ângulos, como um campo ambíguo, que não é meramente reprodução de colonialidade nem instância de exaltação identitária.

O ensaio “Rituais online e a atomização da sociedade: peregrino ou profeta digital?” nos convida a pensar os rituais na era da internet, analisando as transformações dos rituais religiosos online e seus impactos na sociedade contemporânea. Partindo de estudos clássicos da antropologia, sociologia e ciência da religião sobre os rituais presenciais, o autor mostra que os rituais virtuais não apenas adaptam práticas tradicionais ao ambiente digital, mas também reforçam a atomização social, caracterizada pelo individualismo e pela fragmentação dos laços comunitários.

Segundo o ensaio, os rituais online emergem como consequência da virtualidade, ubiquidade e lógica digital, refletindo uma sociedade menos hierárquica e mais centrada no indivíduo. O autor analisa algumas características atribuídas por Roy Rappaport aos rituais presenciais, mostrando como são transformadas no ambiente digital. Se tradicionalmente, os rituais dependem de

corporeidade, formalidade e espaços sagrados, esses elementos são desafiados no contexto virtual. O estudo aponta ainda algumas características específicas dos rituais online como a flexibilidade, adaptabilidade e intemporalidade, e chama a atenção para a individualização da sociedade, através do conceito de “peregrino digital”. Nesse meio em que o indivíduo pratica uma espiritualidade personalizada, combinando elementos de diversas tradições (bricolagem religiosa), o autor observa alguns impactos sociais e religiosos dos rituais online.

Esse trabalho busca assim atender à necessidade apontada pelo autor de repensar o ritual a partir do surgimento da internet, o que, segundo ele, exige “uma revisão dos estudos ritualísticos disponíveis e uma atualização das formulações teóricas sobre o tema”, permitindo pensar uma sociedade hiper conectada e supra territorial.

O artigo “Devir macumbeiro: uma abordagem contemporânea do ritual na Ciência da Religião” explora o conceito de ritual, focando no “devir macumbeiro” como uma categoria que desafia perspectivas eurocêntricas e binárias do “Brasil-nação”, destacando a pluralidade étnica e estética da “brasilidade”. Recuperando o conceito de ritual, o ensaio busca apontar as contribuições da “terreiragem” à religiosidade brasileira. E ao fazê-lo, o autor apresenta e discute ontologias surgidas dos rituais de nosso cotidiano sociorreligioso a partir do “caráter brincante” da brasilidade.

O texto faz emergir, da distinção entre as categorias de corporalidade, corporeidade e incorporação, uma metodologia para a Ciência da Religião “à brasileira”, entendendo que o ritual não é apenas simbólico e funcional, mas resultado de dinâmicas de sociabilidade tipicamente brasileiras. Nesse sentido, o “devir macumbeiro” entende os rituais como produtores de memórias, de saberes e de existências que transcendem o campo religioso. O “corpo como categoria” ganha um entorno específico a partir da brasilidade resultando em capacidades múltiplas de ser e estar.

Exemplos como o samba-enredo “Rosa Maria Egípcíaca” e a mitopoética de Oiá-Iansã ilustram como essas categorias operam na prática, reforçando a resistência e a transgressão contra estruturas normativas. Com isso o autor defende uma metodologia “à brasileira” como mais apropriada para valorizar essas poéticas e políticas como produtoras de alteridade e sujeitificação no cotidiano social brasileiro, reconhecendo os rituais do samba, da macumba e do cotidiano como espaços de resistência e produção de saber.

O ensaio “No país do ‘rito frouxo’ os ritos pentecostais (talvez sim; talvez não) são anárquicos?” analisa os rituais pentecostais no Brasil, questionando se sua aparente anarquia litúrgica é realmente ausência de estrutura ou uma lógica própria. Partindo da metáfora bíblica do “vento que sopra onde quer” (João 3:8), o texto explora como o pentecostalismo articula espontaneidade, pluralidade e poder simbólico em suas práticas litúrgicas. Argumenta-se que, mais do que a ausência de ritos, há uma gramática ritual própria, profundamente marcada pelo contexto brasileiro.

O pentecostalismo é descrito como um movimento onde a regra é a não regra, com ritos improvisados e informais. Contudo, na prática, existem ritualizações que variam amplamente entre diferentes igrejas. O autor compara a Congregação Cristã no Brasil, e sua liturgia fixa e templos padronizados, com as Assembleias de Deus, cujos ritos apresentam diversidade e adaptações. O texto também discute as distinções entre o “templo-casa” (espaço comunitário e participativo) e o “templo-shopping” (espaço burocrático e midiático), destacando como ambos coexistem. Além disso, o ensaio aborda o papel das mulheres no pentecostalismo, que, embora muitas vezes excluídas do poder institucional, exercem poder simbólico através de dons espirituais como a profecia e a glossolalia.

O autor chama assim a atenção para a presença de uma “ritualidade viva, mutante e situada” no pentecostalismo, sugerindo que a “anarquia” litúrgica

pentecostal não é desorganização, mas uma forma dinâmica e situada de sacralização, típica de um país onde os ritos são tão fluidos quanto o vento.

Esperamos que este conjunto de ensaios renove a discussão no plano da teoria e também na idealização de pesquisas de campo que melhor evidenciem a rica diversidade de rituais no Brasil, seja para compreender melhor as expressões religiosas como também a tudo o que marca esse conjunto de performances que chamamos carinhosamente de “brasilidade”.

REFERÊNCIAS

BELL, Catherine. *Ritual theory, ritual practice*. Oxford university press, 1991.

BELLAH, Bellah; Robert, N. *Religion in Human Evolution: from the Paleolithic to the Axial Age*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2011.

BOYER, Pascal; LIÉNARD, Pierre. Ingredients of “rituals” and their cognitive underpinnings. *Philosophical Transactions of the Royal Society B* 375: 20190439, 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1098/rstb.2019.0439>

BRAAK, André. Meditation and ritual in Zen Buddhism. *Acta Comparanda*, XIX, 2010, pp. 109-124.

BROSIUS, Christiane; UTE HÜSKEN. Change and Stability of Rituals: An Introduction. In BROSIUS, Christiane; UTE HÜSKEN (Org.). *Ritual Matters: Dynamic Dimensions in Practice*. Londres/Nova York/Nova Delhi: Routledge, 2010, p. 1-25.

BURNOUF, Émile-Louis. A ciência da religião: método e princípios. *REVER: Revista de Estudos da Religião*, v. 21, n. 3, p. 175-196, 2021 [1876].

CAMPBELL, Patricia Q. *Knowing Body, Moving Mind: Ritualizing and Learning at Two Buddhist Centers*. Oxford/ Nova York: Oxford University Press, 2011.

DE LA SAUSSAYE, Pierre Daniel Chantepie; CRUZ, Eduardo R. Observações preliminares sobre fenomenologia da religião. *REVER: Revista de Estudos da Religião*, v. 22, n. 1, p. 197-202, 2022 [1891].

GOODY, Jack. Against "ritual": Loosely structured thoughts on a loosely defined topic. In Pamela Stewart e Andrew Strathern. *Ritual*. Routledge, 2017 [1975], p. 221-232.

GRUENWALD, Ithamar. Rituals and Ritual Theory: A Methodological Essay. In BALENTINE, Samuel E. (Org.). *The Oxford Handbook of Ritual and Worship in the Hebrew Bible*. Oxford: Oxford University Press, 2020, p. 109-124.

GUERRIERO, Silas. Antropologia da Religião. In USARSKI, Frank; TEIXEIRA, Alfredo; PASSOS, João Décio (Org.). *Dicionário de ciência da religião*. São Paulo: Paulinas; Loyola; Paulus, 2020, p. 58-68.

JONG, Jonathan; HALBERSTADT, Jasmin. *Death Anxiety and Religious Belief*. Londres: Bloomsbury Academic, 2016.

KREINATH, Jens. Ritual: Theoretical Issues in the Study of Religion. *REVER: Revista de Estudos da Religião*, n. 4, p. 100-107, 2005.

LEIGHTON, Taigen. Zazen as an Enactment Ritual. In: HEINE, Steven; WRIGHT, Dale (Org.). *Zen ritual: studies of Zen Buddhist theory in practice*. New York: Oxford University Press, 2008.

PAYNE, Richard K. Ritual Syntax Revisited. *Numen*, v. 69, n. 4, p. 390-420, 2022.

PAYNE, Richard. Intertwined Sources of Buddhist Modernist Opposition to Ritual: History, Philosophy, Culture. *Religions*, nº 9, 2018. Disponível em: <https://www.mdpi.com/2077-1444/9/11/366>.

PAYNE, Richard. Ritual, rituals and ritualizing in American Buddhism. In: *The Oxford Handbook of American Buddhism*. New York: Oxford University Press, 2024, p. 339-358.

PREBISH, Charles S. *American Buddhism*. North Scituate: Duxbury Press, 1979.

RIVIÈRE, Claude. *As liturgias políticas*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1989.

RIVIÈRE, Claude. *Os ritos profanos*: Petrópolis: Vozes, 1996.

SHARF, Robert. Ritual. In: Lopez, Donald. *Critical terms for the study of Buddhism*. Chicago: The University of Chicago Press, 2005.

SOSIS, Richard. The adaptive value of religious ritual: Rituals promote group cohesion by requiring members to engage in behavior that is too costly to fake. *American Scientist*, 92.2, p. 166-172, 2004.

TIELE, Cornelis. Concepção, objetivo e método da Ciência da Religião. *REVER: Revista de Estudos da Religião*, v. 18, n. 3, p. 217-228, 2018 [1897].

TURNER, Victor W. *O processo ritual: Estrutura e antiestrutura*. Petrópolis: Vozes, 2013.

VAN GENNEP, Arnold. *Os ritos de passagem*. Editora Vozes Limitada, 2014.

WHITEHOUSE, Harvey. *The Ritual Animal: Imitation and Cohesion in the Evolution of Social Complexity*. Oxford: Oxford University Press, 2021.